

O PROTAGONISMO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um diálogo entre o método Montessori e a BNCC

Thaís Mara Adão Brazilino*
Mônica Ribeiro Ramos**

RESUMO

As práticas pedagógicas desenvolvidas na educação infantil passaram por diversas mudanças no decorrer dos anos. Assim também as adequações dos currículos propiciaram aos educadores proveitosas reflexões sobre suas propostas didáticas. Com a implementação do documento educacional nomeado como Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, no contexto deste artigo, vincula-se à etapa da educação infantil, os educadores precisaram ampliar suas práticas desenvolvendo atividades com base nos direitos de aprendizagem e nos campos de experiências proporcionando um aprendizado contextualizado com as demandas da vida cotidiana dos alunos. O objetivo desta pesquisa é analisar a teoria de Maria Montessori em relação ao seu método educacional, acentuando a sua contribuição para as práticas pedagógicas na educação infantil. A pedagogia científica de Maria Montessori permite que os alunos ajam como protagonistas no seu processo contínuo de construção. Ressalta ainda a importância de a criança conquistar sua independência já na educação infantil. O objetivo do estudo em pauta será atingido mediante o estudo bibliográfico que se baseia em princípios teóricos que permitiram uma compreensão significativa para a reflexão de uma prática pedagógica que considere as necessidades específicas das crianças, com o fito de estimulá-las a serem protagonistas no ambiente escolar e na vida social, a agirem com independência e autonomia diante das demandas cotidianas.

Através do embasamento teórico, percebe-se que, mediante o método Montessori, os alunos da educação infantil são mais ativos no seu processo de construção e desenvolvimento, já que os princípios do método os direcionam para o protagonismo. Sendo assim, observa-se que as escolas terão mais êxito pedagógico, se associarem as orientações da BNCC aos fundamentos montessorianos, cujos frutos têm merecido aplausos da sociedade. Dessa forma, alunos e educadores terão um progresso integral e significativo.

Palavras chaves: Método. Protagonista. Autonomia. Habilidades. Práticas Pedagógicas.

* Thaís Mara Adão Brazilino, graduanda do Curso de Pedagogia. E-mail: thais.brazilino@alunos.unis.edu.br

**Mônica Ribeiro Ramos, Professora do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS/MG). E-mail: monica.ramos@professor.unis.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Ao refletirmos sobre as práticas pedagógicas na educação infantil, observamos que mesmo existindo documentos referenciais a essas práticas, ainda é possível deparar com educadores utilizando de métodos tradicionais em sua sala de aula executando uma educação bancária que não considera as necessidades, os interesses e nem os conhecimentos prévios dos alunos. Com a implementação da BNCC normatizada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2017, o documento passa a ser obrigatório para a construção dos currículos nas escolas, como prevê na Constituição Federal de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e também no Plano Nacional de Educação de 2014. A BNCC não é um currículo e sim, um documento norteador concedendo autonomia para as escolas construírem seus currículos com base nas especificidades de cada região.

Refletindo sobre uma educação que considere o aluno como sujeito protagonista, recordamos o método educacional de Maria Montessori, que vincula a educação como uma ajuda à vida. Neste contexto, analisa-se qual a contribuição do método montessoriano em relação ao protagonismo da criança na educação infantil, descrevendo os princípios fundamentais do método. Logo, discorre-se sobre os seis direitos de aprendizagem e os cinco campos de experiência mencionados na BNCC, vinculando a base curricular ao método educacional, através de embasamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa. Acredita-se que com a associação da BNCC e o método montessori os alunos da educação infantil poderão desenvolver um aprendizado mais significativo, contextualizando as atividades educacionais com as demandas da vida prática.

2 O MÉTODO MONTESSORI

O método Montessori foi criado pela Doutora Maria Montessori, que antes de receber conhecimento pelo seu método, ela trabalhava em uma clínica psiquiátrica com crianças deficientes intelectuais, na busca de estratégias que contribuíssem para o desenvolvimento das mesmas. E para isso Maria Montessori adquiriu como referência para seus estudos dois pioneiros, Jean Itard e Edouard Séguin.

Como parte de suas tarefas ali, visitava as crianças internadas nos hospícios gerais em Roma. Ela então se convenceu de que aquelas crianças com deficiências intelectuais poderiam se beneficiar de uma educação especial e viajou a Londres e Paris para estudar o trabalho de dois pioneiros nesse campo: Jean Itard e Edouard Séguin. (LILLARD, 2017, p. 1).

Em 1898 Maria Montessori foi nomeada diretora da escola Ortofrênica de Roma. Segundo Lillard (2017) “Ela trabalhou com as crianças dessa escola por dois anos, baseando seus métodos educacionais em percepções que adquirira de Itard e Séguin”. (2017, p. 2). Em seus períodos vagos, Montessori preparava materiais pedagógicos com base em suas observações realizadas durante seu trabalho com as crianças.

Diante dos seus estudos, Montessori descobriu que: “[...] aquelas crianças podiam aprender muitas coisas que antes pareciam impossíveis.” (LILLARD, 2017, p. 2). Dessa forma Montessori pôde ensinar crianças com deficiência intelectual a ler e a escrever. E foi assim que a Doutora decidiu dedicar-se na área da educação, se especializando em pedagogia e neuropsiquiatria infantil, o que contribuiu para que Montessori desenvolvesse um método educacional.

[...] foi uma médica italiana que se especializou em pedagogia e neuropsiquiatria infantil. Ela se tornou conhecida através do seu método educacional que prioriza o desenvolvimento sensorial das crianças, estimulando sua capacidade cognitiva, além de ressaltar a autonomia da criança em seu ato de conhecer-se. (MONTESSORI, 2018).¹

Para Montessori, as crianças precisam ser protagonistas em seu ato de conhecer-se, pois é importante para sua construção como cidadã, além de desenvolver sua autonomia e independência, já que quando a criança é estimulada a ser protagonista desde seus primeiros anos de vida, a mesma terá mais possibilidades de ser uma pessoa ativa no seu processo de construção.

Mas teoricamente, o que vem a ser o método Montessori? O método é uma pedagogia científica que faz com que os adultos e educadores compreendam a concepção do desenvolvimento humano de forma natural, valorizando a autonomia da criança e a conquista de sua independência e libertação da opressão do velho preconceito da educação, já que Montessori valorizava de forma mais ampla o desenvolvimento da pessoa humana.

Se nós abandonássemos não apenas seu nome próprio, mas também o conceito comum de ‘método’ para substituí-lo por uma outra denominação, se falássemos, por exemplo, de ‘**ajuda oferecida à pessoa humana para conquistar sua independência**’, ou de ‘meio que lhe oferecemos para libertar-se da opressão dos velhos preconceitos da educação’, então tudo ficaria claro! Porque é a pessoa humana que conta e não o método de educação. (MONTESSORI, 2018, p. 18, grifo nosso).

Na teoria de Montessori, o professor montessoriano tem o papel fundamental como um guia para que essa conquista da independência aconteça de forma natural, tendo a criança como a principal protagonista em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

¹ Orelha do livro “O segredo da infância” de Maria Montessori.

A pedagogia montessoriana busca interligar a liberdade, a independência e a individualidade junto às atividades educacionais, o que difere bastante da educação tradicional que é extremamente rígida, na qual somente o professor possui conhecimento para transmitir aos alunos, e os mesmos são como receptores. Na educação tradicional, essa passividade dos alunos é vista como disciplina, no entanto, o método Montessori ressalta que os alunos devem ser protagonistas dentro da sala de aula e protagonistas em seu convívio social.

Segundo Montessori, “Não se poderá ser livre sem ser independente: as manifestações ativas da própria liberdade devem, pois, ser orientadas para a conquista da independência desde a primeira infância, quando se inicia certo desprendimento da própria mãe.” (2017, p. 60). Portanto, cabe ao adulto fazer um estímulo com a criança.

Esse estímulo pode-se iniciar desde a primeira infância através dos pais em casa e dos professores na escola, mas para isso, é importante que o adulto observe e compreenda as manifestações espontâneas das crianças, pois através dessas ações e manifestações a criança estará descobrindo seus interesses e construindo a sua personalidade.

Montessori relata que: “[...] um ponto fundamental de uma pedagogia científica deve ser a existência de uma escola que permita o desenvolvimento das manifestações espontâneas e da personalidade da criança.” (MONTESSORI, 2017, p. 33). Sendo a livre escolha² um dos procedimentos para esse desenvolvimento da personalidade.

O método Montessori se diferencia dos outros métodos educacionais por ser uma pedagogia científica que aborda dois componentes principais sendo “[...] o ambiente, que inclui os materiais e exercícios educacionais, e os professores, que preparam esse ambiente.” (LILLARD, 2017, p. 45). Sendo assim, a abordagem do método inicia-se com a preparação de um ambiente. Essa preparação é realizada por um adulto, no caso, o professor, que através de observações poderá proporcionar um espaço que permita o desenvolvimento da criança de forma livre, natural e espontânea.

No próximo tópico será explanado sobre a importância de um ambiente preparado para que o desenvolvimento da criança aconteça de forma natural e que a mesma atue ativamente no seu processo de construção.

2.1 Ambiente preparado

O método Montessori tem como princípio o ambiente preparado para atender as necessidades das crianças durante seu processo de construção e desenvolvimento. Esse ambiente

² Princípio do método Montessori.

deve ser um espaço adaptado ao tamanho das crianças, dando a elas uma oportunidade para agirem de forma independente, sem estar sempre dependendo de um adulto.

Para Maria Montessori, o espaço preparado é um ambiente que oferece os recursos necessários e capazes de permitir o desenvolvimento da criança.

[...] um ambiente que facilite a expansão do ser em via de desenvolvimento na medida em que os obstáculos sejam reduzidos ao mínimo possível: é um ambiente que capta as energias, porque oferece os meios necessários para desenvolver a atividade que delas resulta. Ora, o adulto também faz parte do ambiente: ele deve adaptar-se às necessidades da criança e torná-la independente, de modo a não ser para ela um obstáculo e para não substituí-la nas atividades através das quais se efetua o seu amadurecimento. (MONTESSORI, 2019, p. 130).

Ao preparar esse ambiente, o adulto deve adaptar-se sempre às necessidades da criança, iniciando pela mobília onde a mesa, a cadeira, o armário, as portas e janelas possuem um tamanho proporcional às crianças, permitindo total acesso a elas.

Também faz parte dessa mobília uma pia bem baixa, acessível às crianças de três ou quatro anos, guarnecida³ de tabuinhas laterais, laváveis, para o sabonete, as escovas e a toalha. Todos esses móveis bem baixos, leves e muito simples. [...] paredes bem baixas, a fim de serem acessíveis às crianças, lousas e pequenos quadros históricos ou sacros, variando-os em conformidade com as diferentes datas e comemorações. (MONTESSORI, 2017, p. 52).

Em salas de aula em escolas tradicionais, os materiais dos alunos são guardados em armários altos onde somente o professor tem acesso. Isso faz com que o professor perca minutos de aula para distribuir caderno, cola, tesoura e outros materiais a cada criança. Já o armário adaptado dá acesso aos alunos para que eles mesmos possam pegar o material que quiserem diante de suas necessidades. Na pedagogia montessoriana, esses móveis adaptados são fundamentais para o desenvolvimento da independência e o protagonismo das crianças em sala de aula. Além da mobília toda planejada, a sala montessoriana também proporciona um espaço para que as crianças possam reproduzir as atividades acomodadas em tapetes localizados no chão.

[...] pequenos tapetes que geralmente ficam enrolados numa parte da sala. As crianças que desejarem trabalhar sentadas no chão, depois de terem sentado junto à mesa, pegam um tapetinho, estendem-no pelo chão e acomodam-se sobre ele. Nenhum adulto interfere nessas trocas de posições, podendo a criança, assim, seguir tranquilamente os impulsos da natureza. (MONTESSORI, 2017, p. 91).

A proposta pedagógica de Montessori defende o desenvolvimento natural da criança. Se o educando se sentir incomodada por ficar horas sentada em uma cadeira, terá total autonomia para

³ Significado – dicionário Aurélio: aparelhada.

mudar de posição, podendo acomodar-se em um tapete que estará disponível em um cantinho dentro da sala de aula. Isso se difere completamente da sala de aula tradicional, em que os alunos muitas vezes se queixam de ter que ficar horas sentados em carteiras enfileiradas e pouco anatômicas, na maioria das vezes. Esse incômodo pode prejudicar o processo de aprendizagem do aluno. Por isso, a sala de aula precisa ser mais flexível, permitindo que os alunos ajam de forma natural e sintam-se confortáveis em permanecer dentro dela por tempo necessário, pois a mobília de uma sala deve permitir que as crianças se locomovam com facilidade, a fim de selecionar o lugar mais agradável à ela, atendendo a sua necessidade.

As mesas, as cadeiras, as pequenas poltronas, leves e transportáveis, permitirão à criança escolher uma posição que lhe agrada. Ela poderá, por conseguinte, instalar-se comodamente, sentar-se em seu lugar: isto lhe constituirá, simultaneamente, um sinal de liberdade e um meio de educação. (MONTESSORI, 2017, p. 53).

Diante dessa liberdade concedida às crianças, poderá surgir o questionamento de como manter a disciplina em uma classe de crianças livres em seus movimentos. Maria Montessori aponta que os indivíduos silenciosos e imóveis são indivíduos aniquilados e não disciplinados.

Inicialmente, convém dizer que é bem outra a nossa concepção de disciplina. A disciplina deve, também ela, ser ativa. Não é disciplinado o indivíduo que se conserva artificialmente silencioso e imóvel como um paralítico. Indivíduos assim são aniquilados, não disciplinados. Disciplinados, segundo nossa concepção, é o indivíduo que é senhor de si mesmo, e, em decorrência, pode dispor de si ou seguir uma regra de vida. (MONTESSORI, 2017, p. 54).

Sendo assim, a preparação do ambiente deve ser algo planejado pelo professor, que, através de observações e análise, poderá identificar as dificuldades dos alunos em lidar com objetos ou situações específicas. Diante dessas observações, irá criar caminhos para que o aluno persista na tentativa de atingir o seu objetivo através de diversas estratégias, sem que o adulto/professor resolva por ele. Vivências como essas irão contribuir para que a criança possa agir por si própria, além de desenvolver-se e crescer de forma a enfrentar desafios sem se frustrar de imediato na primeira situação problema com a qual se deparar. Neste contexto, a sala preparada irá estimular o aluno a tomar iniciativas próprias, agindo como protagonista.

E qual é o papel do professor nesse ambiente preparado? No próximo tópico será possível compreender sobre esse princípio do método montessori.

2.2 Professor montessoriano

O professor montessoriano difere-se do professor tradicional, já que este enxerga o aluno como um simples recipiente vazio, caracterizando a uma educação bancária que, segundo Freire (2005), é quando o educador enxerga o aluno como um recipiente pronto para ser preenchido pelo professor, o único detentor de conhecimento.

[...] ‘o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados’. Desse modo, vemos que o desobediente nunca é o educador, mas, sim, o educando, aquele que precisa ser ensinado a não violar as regras impostas. Entendemos que o professor irá ‘depositar’ (vem daí a ideia de ‘bancária’) os conteúdos em suas cabeças, como se fossem recipientes a serem preenchidos. A educação bancária não é libertadora, mas, sim, opressora, pois não busca a conscientização de seus educandos. Quer, na verdade, que corpos de alunos e alunas sejam inconscientes e sujeitados às suas regras. (apud BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016, p. 161).

Um educador que não permite que os alunos sejam os protagonistas em seu processo de construção e desenvolvimento, estará contribuindo para que eles se tornem cidadãos passivos e inconscientes.

De acordo com Montessori, o objetivo principal de um professor não é ensinar e transferir conhecimento, mas sim, observar, conhecer, descobrir os interesses da criança, permitindo que ela manipule os objetos que tem a seu redor. Através dessa prática, o aluno poderá desenvolver a habilidade de aprender sozinho em um ambiente que foi preparado pelo professor, que nesse momento estará contribuindo de forma direta ou indireta para que o aluno desenvolva independência e competência para agir dentro e fora da sala de aula.

[...] não é ensinar, mas sim observar, conhecer a criança, descobrir seus interesses e permitir a manipulação da realidade a seu redor. Facilitando para a criança aprender sozinha, manipulando materiais preparados para satisfazer suas necessidades e possibilidades. A atividade espontânea da criança se desenvolve dentro de um ambiente educacional projetado com exatidão e possuindo o que ela necessita para crescer e viver no mundo. (MONTESSORI, 2017, p. 9).

Para isso, o método montessori estabelece como um dos principais princípios, além da liberdade e autonomia das crianças em sala de aula, a permissão da livre escolha, em que os alunos selecionam os materiais que serão utilizados para a sua aprendizagem e desenvolvimento.

Esse princípio da livre escolha está diretamente associado ao ambiente preparado, pois “[...] as crianças tinham desejos particulares e escolhiam suas ocupações. Desde então foram adotados os armários baixos, onde o material é posto à disposição das crianças, que o escolhe segundo suas

necessidades interiores.” (MONTESSORI, 2019, p. 144). Sendo assim, o papel de ensinar e mediar não são apenas do professor já que: “A educação é compartilhada pela mestra e pelo ambiente.” (MONTESSORI, 2017, p. 155). Por essa razão destaca-se a importância de um ambiente exclusivamente preparado para atender as necessidades dos alunos que se encontram em fase de construção e desenvolvimento da independência e autonomia, e para isso, é necessário um espaço que lhe permita serem livres.

O professor montessoriano irá compreender esses desejos particulares permitindo que o aluno aja de forma livre dentro da sala de aula para selecionar os materiais adequados para ele em determinado componente curricular. Nesse momento, o educador apenas observa e só realiza intervenção quando necessário ou após a solicitação de ajuda vinda pelo próprio aluno, pois segundo Montessori: “A intervenção deverá ser sempre muito bem pensada, a fim de não perturbar ou desviar, mas antes auxiliar a alma que deve aprender a viver em virtude de suas próprias forças.” (MONTESSORI, 2017, p. 123).

Portanto, um educador montessoriano proporciona momentos para o aluno agir ativamente, permitindo-lhe escolher o material que tem mais afinidade e assim conseguir desenvolver a habilidade necessária no final de cada atividade. Esse educador também concede a liberdade para os alunos opinarem no planejamento, os estimulando a serem críticos, ativos e participativos. Já que segundo Freire (2005) “Um professor autoritário e opressor que impõe seu conhecimento, numa relação vertical e não dialógica, desconsidera o meio social e faz com que surjam marcas no corpo do aluno.” (apud BRIGHENTE; MESQUIDA, 2016, p. 162). Esse tipo de professor autoritário, que não proporciona momentos de trocas e diálogo entre professor e aluno, não estará contribuindo para que os alunos desenvolvam o hábito de questionar e ser crítico, mas estará estimulando o seu aluno a continuar passivo, agindo de forma inconsciente, aceitando tudo que lhe é imposto. Perfil esse que se diferencia do professor montessoriano.

Além dessas características do professor montessoriano, o mesmo também desenvolve atividades ligadas à vida prática, mas o que vem a ser essas atividades? Abordaremos no próximo tópico.

2.3 Atividades ligadas à vida prática

Em uma escola onde o método Montessori se faz presente, as atividades ligadas à vida prática contribuem para que as crianças desenvolvam habilidades motoras de forma significativa, pois para Montessori, esses exercícios da vida prática estabelecem um paralelo entre os exercícios

musculares ligados ao componente curricular de educação física e as atividades realizadas durante a vida prática.

Seria interessante estabelecer um paralelo entre os exercícios musculares que as crianças comumente realizam durante as horas destinadas à educação física e o exercício muscular exigido pelos diversos ‘exercícios da vida prática’, espontaneamente escolhidos e executados por elas. [...] logo se verá que se trata de uma verdadeira ginástica em que se exercitam todos os músculos, em todas as partes do corpo, no próprio ambiente em que vive a criança. Esta particularidade não somente explica o sucesso desses exercícios entre crianças, como também vem revelar muito de seu valor formativo. (MONTESSORI, 2017, p. 91).

Através desses exercícios, as crianças poderão exercitar os músculos, além de estar desenvolvendo habilidades práticas de atividades que lhe serão cobradas ao longo de sua vida como, por exemplo, abrir e fechar gavetas, cortar frutas, amarrar cadarço, lavar um copo, entre outras atividades ligadas às práticas do cotidiano da criança.

Esses tipos de atividades criam oportunidades para que as crianças executem sozinhas e sintam-se mais independentes na escola e até mesmo em casa, já que quando uma criança não consegue abrir uma gaveta ou amarrar um cadarço, ela precisa solicitar ajuda de um adulto que pode não estar disponível no momento, ou então não estimulará a criança a fazer sozinha, fazendo tudo por ela, contribuindo com a formação de uma criança dependente do outro.

Conseqüentemente, praticar exercícios da vida prática manifestará um valor formativo e muito significativo às crianças que irão desenvolver independência e autonomia durante todo o processo de aprendizagem.

Mas, como esses exercícios da vida prática são executados na escola? Na visão de Montessori, as crianças poderão realizar atividades da vida prática como, por exemplo, preparar uma mesa, servir os alimentos, colher frutas, entre outras atividades simples, mas muito significativas para o desenvolvimento da independência. Essas atividades serão planejadas de acordo com o ambiente escolar, e as crianças terão autonomia para executá-las.

Segundo o RCNEI volume 2, “A autonomia é definida como a capacidade de se conduzir e tomar decisões por si próprio, levando em conta regras, valores, sua perspectiva pessoal, bem como a perspectiva do outro, [...]”. (BRASIL, 1998, p. 14). Quando o educador cria oportunidades para que a criança aja com autonomia, ele está considerando que essas crianças possuem competência para atuar de forma consciente em prol de suas próprias necessidades.

Se a escola possuir um jardim anexo, serão também programadas, entre as ocupações da vida prática, o cuidado dos canteiros, o cultivo das plantas ou a colheita de frutas que forem amadurecendo, etc. Se o horário for longo, deverá integrá-lo, igualmente, o preparativo para o almoço, ocupação esta que leva as crianças a praticarem exercícios mais difíceis e

interessantes: pôr a mesa, servir os alimentos, alimentar-se polidamente, lavar pratos e copos, distribuir os guardanapos e guardá-los depois em seus lugares, etc. (MONTESSORI, 2017, p. 92).

As atividades da vida prática preparam indiretamente para a escrita já que a criança irá praticar o movimento de pinça ao escolher feijão; prepara para a matemática, quando estiver dividindo em partes uma fruta. São dois exemplos, entre outras ações relacionadas com as atividades da vida prática, já que os exercícios desenvolvidos na escola não devem ser abordados de forma individualizadas, mas sim interligadas com a realidade do aluno, seu meio social e seu cotidiano.

De acordo com Montessori: “Trata-se também de uma necessidade educativa, pelo fato de preparar o homem para a vida no ambiente em que deverá exercitar incessantemente [...]” (2017, p. 127). Ou seja, as atividades relacionadas à vida prática poderão estimular as crianças, que passarão a agir com mais independência nas atuações no seu cotidiano.

Sendo assim, as atividades didáticas não se limitam apenas em teorias e componentes curriculares, mas também abordam as atividades do cotidiano como varrer, servir a mesa, cortar frutas, encher um copo de água, organizar a sala de aula e seus objetos pessoais, dobrar toalhas, limpar a mesa e inúmeras outras práticas. Porém, para que isso de fato aconteça, a sala de aula e a escola em si precisam ser adaptadas, os materiais estarão organizados entre materiais da vida prática, materiais do cotidiano, materiais de alfabetização, materiais lógico-matemáticos entre outros disponíveis, permitindo que a criança compreenda que uma organização é necessária.

Segundo os documentos norteadores das práticas educativas, a Base Nacional Curricular (BNCC) aborda questões pedagógicas que buscam a contextualização das atividades relacionando-as com a realidade e o meio social em que o aluno está inserido, proporcionando um momento de reflexão relevante sobre as práticas pedagógicas e o método de ensino. Portanto, no contexto desse artigo, faz-se necessário identificar de que forma a BNCC se articula com o método montessori.

3 BNCC: direitos de aprendizagens e os campos de experiências

No ano de 2017 foi homologado pelo Ministro da Educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Um documento norteador que auxilia as escolas e os educadores na construção do currículo educacional na educação básica. Este documento é de caráter normativo, estabelece os conhecimentos, as habilidades que serão colocadas em prática e as competências que os alunos deverão desenvolver ao longo de cada etapa. Em relação à estrutura, o documento é dividido entre as três etapas da Educação Básica.

Sendo o contexto deste trabalho a Educação Infantil, importa salientar que a BNCC⁴ e as DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil) trazem orientações sobre o planejamento das práticas pedagógicas pertinentes a essa faixa etária. Portanto, os dois documentos se dialogam entre si no que diz respeito ao currículo da educação infantil. A BNCC, porém, destaca mais sobre os objetivos de aprendizagens, habilidades e competências. De acordo com o documento, “competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para **resolver demandas complexas da vida cotidiana**, [...]” (BRASIL, 2017, p. 6, grifo nosso).

Este documento aponta sobre a importância das atividades pedagógicas estarem contextualizadas com a realidade do aluno, que poderá associar as atividades desenvolvidas em sala com as demandas da vida cotidiana.

Na etapa da educação infantil, a BNCC relata que “[...] os alunos devem desenvolver as dez competências gerais da Educação Básica, que pretendem assegurar, como resultado do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, uma formação humana integral que vise a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BRASIL, 2017, p. 23). A BNCC também possui dois eixos estruturantes, sendo o primeiro: as interações e a troca entre as pessoas; o segundo: as brincadeiras. Através desses eixos é possível atingir os “[...] seis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento**, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver.” (BRASIL, 2017, p. 23, grifo do autor).

Esses seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento são: o direito de **brincar** em diversos espaços, com diversas crianças e adultos; de **conviver** para que a criança possa conhecer as pessoas em seu convívio social, respeitando a diversidade; de **expressar-se**, permitindo que a criança seja crítica, manifeste suas opiniões de acordo com suas necessidades e interesses; de **conhecer-se**, sendo isso fundamental para que a criança construa uma identidade que é pessoal, cultural e social; de **participar** ativamente do planejamento, das brincadeiras, das atividades, e tudo que esteja vinculado ao seu contexto social; E por fim, o direito de **explorar** todos os lugares e objetos ao seu redor.

Os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento proporcionam condições para que as crianças possam aprender dentro de um contexto que as desafia a participarem ativamente do seu processo de construção como cidadã.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, seis **direitos de aprendizagem e desenvolvimento**

⁴ Base Nacional Comum Curricular.

asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. (BRASIL, 2017, p. 33, grifo do autor).

Esse ambiente onde as crianças podem vivenciar desafios e agir como protagonistas pode ser proporcionado por meio dos princípios orientados pelo método Montessori. Assim os alunos são estimulados a agirem com independência o tempo todo, já que o professor montessoriano tem o seu papel de observador, deixando o aluno livre para selecionar os materiais que atenderá sua necessidade em determinado momento. Agindo assim, o aluno desenvolve um papel ativo na resolução dos desafios dentro da sala de aula no qual será reproduzido por ela fora da sala de aula também. E é sobre essa questão que a BNCC nos faz refletir.

O direito de participar ativamente do planejamento e das atividades propostas pelo professor citado na BNCC deixa explícito que o educador deve considerar as ideias que os alunos levam consigo para a sala de aula, para que se planejem atividades contextualizadas com a realidade do aluno, oportunizando a possibilidade de fazer escolhas, diante das diversas linguagens. Para isso, é necessário que o professor conheça sua turma, para que sejam consolidadas a participação e o posicionamento ativo do aluno.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando. (BRASIL, 2017, p. 34, grifo do autor).

O direito de participar ativamente está interligado ao de se expressar e são colocados como pontos principais no método montessori, pois na teoria montessoriana, a criança é um ser que deve ser ouvido e considerado em todos os momentos da vida, especificamente em momentos e ações em que elas serão as principais envolvidas. Portanto, precisam expressar-se e posicionar-se no planejamento pedagógico que diz respeito a elas. Essa prática de participação dos alunos no planejamento do professor em prol das práticas pedagógicas não acontece com tanta frequência nas escolas onde predomina a educação tradicional, já que, quando um professor é tradicionalista, coloca-se como o único detentor do conhecimento. Logo, o posicionamento do aluno não é válido.

A participação ativa e a capacidade de expressão dos alunos são abordados como um dos princípios do método Montessori. Em outras palavras, trata-se do princípio da livre escolha em que os materiais concretos são considerados como didáticos e as crianças possuem autonomia para fazer a escolha de qual material será utilizado por ela em determinada aula, já que o educando conhece

suas capacidades e limitações. Portanto, faz-se conveniente que o próprio aluno selecione esse material. Ressalte-se que os materiais disponíveis na sala de aula são materiais educativos que proporcionam um desenvolvimento significativo para o aluno e todos colocados dentro da sala de aula pelo professor de forma intencional.

Já o direito de explorar, permite ao aluno: “**Explorar** movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela [...]” (BRASIL, 2017, p. 34, grifo do autor). No método montessori, esse direito à exploração está vinculado ao toque, aos experimentos, ao sentir, aos materiais concretos como por exemplo, letras de lixa as quais as crianças podem manusear, sentir e explorar de forma concreta, já que muitas precisam ver, sentir e até mesmo tocar para assimilar o significado de determinado objeto ou conceito. Na educação infantil, a exploração precisa estar presente no planejamento do educador. Pois assim, a criança terá oportunidade de explorar os limites do seu corpo por meio de uma dança ou de uma brincadeira. Terá oportunidades de explorar e conhecer alguns animais presentes na própria escola como, por exemplo, borboletas, formigas e joaninhas, explorar objetos e materiais. Para isso, entretanto, o educador precisa proporcionar momentos em que as crianças estarão em contato com a natureza, e esse momento se faz presente no método montessoriano.

O direito de conhecer-se é outra característica fundamental presente na etapa escolar da educação infantil, pois, além de a criança conhecer a si mesma, ela vai estar inserida em um contexto amplo para conviver com o próximo, conhecendo-os e respeitando as particularidades de cada um.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017, p. 34, grifo do autor).

Na educação infantil é o momento de a criança se conhecer, construir sua identidade. Para isso, o educador precisa criar momentos nos quais ela possa agir de forma independente. No método montessori, por meio da livre escolha, os alunos agem de forma autônoma dentro da sala de aula, exploram os espaços e seus limites, e isso contribui para que explorem o seu corpo, construam sua personalidade, posicionem-se, conheçam suas preferências, aprendam a respeitar os gostos e preferências do outro no seu convívio social. Esse direito pode ser assegurado também junto ao direito da criança de brincar, que lhes permite se relacionarem de forma espontânea por meio da interação.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, p. 33).

Em relação aos campos de experiências, as crianças podem construir conhecimentos a partir de suas vivências, e o método montessori busca um aprendizado significativo que também ocorre através dessas experiências, o que caracteriza a uma pedagogia científica, pela qual as crianças vão se desenvolvendo de forma natural.

A esses campos de experiências, a BNCC estabelece cinco etapas da educação infantil. Para proceder a cada um desses campos de experiências, a BNCC subdivide a educação infantil em três faixas etárias, quais sejam: os bebês na idade de zero a um ano e seis meses, as crianças bem pequenas na idade de um ano e sete meses a três anos e, por fim, as crianças pequenas de quatro anos a cinco anos e onze meses, que são as matriculadas na pré-escola de forma obrigatória, conforme citado no artigo 6º da LDB. “Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade.” (BRASIL, 2020, p. 11). Sendo assim, as atividades pedagógicas, além de assegurar os cinco campos de experiências e estar contextualizadas com as demandas da vida cotidiana, também é de extrema importância que condizem com cada faixa etária, pois para cada uma delas existem os objetivos de aprendizagem específica. Os cinco campos de experiência destacam-se em:

O eu, o outro e o nós - é voltado para uma proposta de reconhecimento e identificação do sujeito, seja pessoal, seja social. Oferece à criança, experiências que auxiliam na construção da sua identidade, além de permitir que ela observe as características de cada indivíduo, podendo, então, saber diferenciar – se de cada um. Quando a criança consegue descobrir quem ela é, quem o outro é, ela poderá assimilar o conceito “nós”, respeitando as diferenças que existem entre cada indivíduo.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. (BRASIL, 2017, p. 36).

O corpo, gestos e movimentos oportunizam às crianças conhecerem as partes do corpo e as funções de cada uma delas, além de possibilitar que executem atividades físicas atentando-se às suas potencialidades e limitações. Com essas práticas, as crianças poderão desenvolver consciência

daquilo que lhe é permitido e daquilo que não está ao seu alcance naquele momento, pois lhe causará riscos.

Porém, para que essa consciência seja desenvolvida, é necessário que as crianças estejam livres dentro da sala de aula, pois não será possível que elas descubram suas limitações e potencialidades se persistirem sentadas em sua carteira por muito tempo. Segundo a BNCC, na “Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão” (BRASIL, 2017, p. 37). Portanto, os movimentos espontâneos devem ser considerados como um processo de desenvolvimento, não cabe ao professor exigir que a criança levante da carteira somente no horário estabelecido, as crianças precisam ter liberdade dentro da sala de aula e não estar sempre sob uma submissão do professor.

Esse campo de experiência pode ser executado na educação infantil de forma lúdica, com brincadeiras que irão possibilitar um aprendizado significativo. É importante que as crianças estejam livres durante as brincadeiras; no entanto, o professor deve estar observando cada movimento dessa criança, fazendo comparações em relação ao seu desenvolvimento diário, que é uma forma de avaliação para a etapa da educação infantil.

O ‘corpo, gestos e movimentos’ se refere à exploração dos espaços e objetos por meio do corpo de forma intencional ou não, através de movimentos, gestos, sentidos e brincadeiras, que possibilitam aprendizado sobre o outro e sobre si. O teatro, a música, a dança, o faz de conta se inter-relacionam com o corpo, emoção e linguagem. Assim as crianças vão conhecendo e reconhecendo as funções do seu corpo e de suas emoções, podendo perceber suas potencialidades e seus limites. Nesse campo o corpo é visto como parte central do processo de ensino-aprendizagem. (LIMA; ABREU, 2019, p. 6).

Os **traços, sons, cores e formas** permitem que as crianças tenham contato com diversas manifestações artísticas. Para que isso suceda, as crianças não devem ficar posicionadas apenas dentro da sala de aula, é necessário ter contato com outras localidades como, por exemplo, o jardim da escola, um passeio ao zoológico. A escola também pode organizar eventos artísticos como um museu onde as obras serão produções das crianças. As apresentações de obras literárias não podem acontecer somente através de livros e quadros, é preciso ir além. Ao produzir uma obra, a criança estará executando sua coordenação motora através dos traçados, ao participar de um teatro, ela estará atenta aos sons e as linguagens que são representadas de diversas formas, e estará desenvolvendo também a percepção visual ao observar as cores e formas na decoração do espaço. Por isso, Montessori relata que as crianças precisam passar por experiências em um ambiente onde estarão livres para explorar e investigar suas curiosidades, assim como é relatado na BNCC: “[...] a

Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, [...]” (BRASIL, 2017, p. 37).

Escuta, fala, pensamento e imaginação - o educador precisa dar oportunidade para as crianças expressarem exercendo a oralidade. Na fase da educação infantil, essas crianças possuem vontade de contar e expressar tudo que presenciam no seu cotidiano. Quando um professor realiza intervenções inadequadas na fala da criança, corre o risco de fazer com que criança não se sinta mais à vontade em se expressar. Montessori declara que a criança deve participar de todo o processo pedagógico, inclusive no momento do planejamento do professor. Através dessa participação ativa será possível que ela execute esse campo de experiência, pois estará articulando sua fala, seus pensamentos e sua imaginação, ou seja, a criança mostra-se protagonista diante de sua aprendizagem. Não existe momento certo para opinar, a necessidade da criança de querer se posicionar naquele determinado momento deve ser respeitada.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 38).

E, por fim, o campo de experiência - **espaços, tempos, quantidades, relações e transformações** permitirão que a criança compreenda as características do espaço onde ela vive e sobre o tempo que engloba o dia, o mês, o ano, a estação, entre outros princípios em que se encontra. Para isso, a importância das práticas pedagógicas estarem contextualizadas é ainda maior, pois essa experiência proporcionará que ela relacione a teoria e a explicação que recebeu na sala de aula com as demandas do seu cotidiano.

Montessori destaca a eficiência quando uma criança desenvolve independência, pois assim, não irá precisar da disponibilidade de um adulto o tempo todo. Nesse campo de experiência, quando se trata do tempo (manhã, tarde e noite), por exemplo, se a criança já desenvolveu essa compreensão, ela saberá se organizar com autonomia, compreendendo que de manhã a refeição que irá realizar será o café da manhã e assim por diante. Compreenderá também que as aulas acontecem de segunda à sexta feira, então não criará expectativas de se arrumar para a escola no sábado de manhã. São exemplos simples, mas que fazem uma diferença significativa na vida de uma criança, pois, com essas experiências, poderá desenvolver cada vez mais sua independência e autonomia, que são os princípios fundamentais destacados no método montessori.

4 CONCLUSÃO

O método montessori começou a ser desenvolvido no ano de 1898, enquanto que a DCNEI surgiu no ano de 1998, e a BNCC, em 2017. Esses três documentos apresentam práticas pedagógicas eficientes pertinentes à educação infantil, para serem desenvolvidas pelos professores. No entanto, o método montessori não se faz muito presente nas escolas, enquanto que a BNCC está sendo o documento norteador, servindo de base para a construção do currículo nas escolas atualmente.

Através deste artigo, foi possível analisar a afinidade entre o método montessori e a Base Nacional Comum Curricular, podendo então refletir sobre as práticas pedagógicas dos educadores. A BNCC é um documento mais teórico, que permite aos educadores fazerem seus planejamentos com o objetivo de colocar em prática tudo aquilo que é exigido na base para cada etapa escolar. O método montessori se faz mais concreto, pois inicia desde a preparação do ambiente escolar, que deve ser preparado pelo educador pensando em atender as necessidades das crianças, que nesse momento é o foco principal dentro da sala de aula. Além disso, ambos os documentos enfatizam a importância de as práticas pedagógicas estarem contextualizadas com as demandas da vida cotidiana dos alunos, pois o que se aprende na escola não se limita somente à escola, mas aplica-se no dia a dia e, por isso, Montessori prioriza em seu método o estímulo à independência e à autonomia da criança já na educação infantil. O desenvolvimento de habilidades e de competências citados na BNCC se vinculam com a autonomia da criança em poder produzir tudo isso fora da escola com independência. Portanto, se os professores repensarem suas práticas fazendo a incorporação da BNCC e o método montessori, as crianças da educação infantil terão um desenvolvimento amplo e mais significativo, pois a escola não deve estar desvinculada da vida social do aluno.

ABSTRACT

The pedagogical practices developed in early childhood education have undergone several changes over the years. Likewise, the curricular adaptations provided educators with fruitful reflections on their didactic proposals. With the implementation of the educational document called National Common Curriculum Base (BNCC), which, in the context of this article, is linked to the stage of early childhood education, educators needed to expand their practices by developing activities based on the right to learning. And in the field of experiences, providing a contextualized

learning with the daily demands of students. The objective of this research is to analyze Maria Montessori's theory in relation to her educational method, emphasizing her contribution to pedagogical practices in early childhood education. Maria Montessori's scientific pedagogy allows students to act as protagonists in its ongoing process of construction. It also emphasizes the importance of children gaining their independence in early childhood education. The objective of the study in question will be achieved through the bibliographical study that was based on theoretical principles that allowed a significant understanding for the reflection of a pedagogical practice that considers the specific needs of children, in order to encourage them to be protagonists in the school environment. . . and social, to act with independence and autonomy against of daily demands. Through the theoretic foundation, it is clear that, through the Montessori method, early childhood education students are more active in their construction and development process, since the principles of the method direct them to protagonist. Thus, it is observed that schools will have more pedagogical success if they associate the BNCC guidelines with Montessori foundations, whose fruits have deserved applause from society. In this way, students and educators will have full and significate progress.

Keywords: Method. Protagonist. Autonomy. Skills. Pedagogical Practices.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. p. 5-24; 31-48. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 1-71. (Vol. 2). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

BRASIL, Senado Federal. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 2020. p. 11. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequenc e=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUITA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 155-164, apr. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v27n1/1980-6248-pp-27-01-00155.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2021.

LILLARD, Paula Polk. O método montessori. In: LILLARD, Paula Polk et al. (Orgs). **Método montessori: uma introdução para pais e professores**. Tradução Sonia Augusto. Barueri: Manole, 2017. cap. 3, p. 45-94.

LIMA, Antonia Marciely Souza de; ABREU, Sandra Elaine Aires de. A prática pedagógica na educação infantil e os campos de experiências estabelecidos pela BNCC. **Repositório Institucional AEE**, Goiás, p. 13, jun. 2019. Disponível em: <<http://45.4.96.19/bitstream/ae/1871/1/TCC%20-%20Marciely%20%282%29.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2021.

LOFTTEN, A. (Ed.). Dicionário Folha Webster's: inglês/português, português/inglês. Co-editor Paulo Cazz. **A Folha**, São Paulo, 1999. Edição exclusiva para o assinante da A Folha.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311 p.

MONTESSORI, Maria. Os conflitos durante o desenvolvimento. In: MONTESSORI, Maria. **A criança**. São Paulo: Circulo do livro, [1936?]. cap. 10, p. 84-88.

MONTESSORI, Maria. **A descoberta da criança: pedagogia científica**. Tradução Pe. Aury Maria Azélio Brunetti. Campinas: Kíron, 2017. 347 p.

MONTESSORI, Maria. **A formação do homem**. Tradução Sonia Maria Braga. Campinas: Kíron, 2018. 112 p.

MONTESSORI, Maria. **O segredo da infância**. Tradução Jefferson Bombachim. Campinas: Kíron, 2019. 261 p.